

## **Interesses e desafios na Ossétia do Sul**

*Marcos Alan F.S. Ferreira*

Apesar dos argumentos de que o pós-Guerra Fria traria uma diminuição cada vez maior dos conflitos interestatais, os conflitos na Ossétia do Sul demonstraram que tal asserção não pode ser generalizada. Fazendo um breve repasse sobre o conflito, vemos que a tensão no Cáucaso remonta a novembro de 1989, quando o desmantelamento da União Soviética gera na Ossétia uma busca pela independência da região, desembocando em um conflito que dura três meses. Embora a Ossétia do Sul tenha declarado sua independência em 28 de novembro de 1991 — não reconhecida no âmbito internacional—, houve a assinatura de um acordo de paz em junho de 1992 entre líderes russos, georgianos e ossetas. Os anos 90 trazem um ambiente de constante tensão entre os três atores (Rússia, Ossétia do Sul e Geórgia), reforçados pela elaboração da constituição osseta e a eleição de seu primeiro presidente, Lyudvig Chibirov.

Após o referendo de novembro de 2006, na qual a população osseta decide sua separação da Geórgia, o clima entre Tbilisi e Tskhinvali (capital da Ossétia do Sul) se torna cada vez mais delicado, fazendo com que o parlamento georgiano aprove uma administração temporária para a Ossétia do Sul em abril de 2007 que desagrada a população osseta. A partir dali, o conflito sai do campo diplomático para entrar nas vias de fato, com uma escalada impressionante neste mês.

Os argumentos de quem provocou o conflito ainda é uma incógnita. Para alguns analistas e setores da imprensa internacional, a guerra é provocada pelos ossetas, motivados pela Rússia, insatisfeita que esta última estava pela tentativa de entrada da Geórgia na Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Para outros, foi uma tentativa unilateral da Geórgia de reforçar seu controle após o aumento da desobediência civil na região.

Seja quem for o provocador do conflito, a guerra na Ossétia do Sul trouxe importantes desdobramentos para a dinâmica internacional permeados pela morte em poucos dias de, estima-se, mais de duas mil pessoas. Primeiro, mostrou claramente que a Rússia não quer deixar de lado seu papel de potência militar remanescente da Guerra Fria, estando disponível para utilizar de quaisquer meios que sejam necessários para manter sua influência na Ásia central.

Segundo, que ainda não há uma nova ordem mundial, mas sim uma situação de indefinição em que velhas estruturas ainda permanecem, tal como o poder militar dos EUA e da Rússia, e uma situação de tensão entre ambos. Terceiro, reforçou a idéia colocada por muitos autores da área de relações internacionais de que o grande desafio para a paz mundial se concentra na Ásia, em especial na região do Oriente Médio e nas fronteiras ainda em aberto dos países surgidos com o fim da União Soviética.

Um fato importante para análise deste conflito é o papel que alguns atores desempenharam nas negociações de paz. No caso da França, ficou clara a tentativa de aproveitar seu papel de líder (rotativo) da União Européia para reforçar seu papel de liderança internacional. Tal postura já era vista no impasse colombiano referente ao seqüestro de Ingrid Betancourt. A postura pró-ativa de Nicolas Sarkozy, ainda que esteja escorada em interesses nacionais franceses, tem sido de fundamental importância na tentativa de arrefecimento do conflito russo-georgiano.

Por outro lado, a postura dos EUA demonstrou que o governo atual da grande potência mundial está preocupado em fazer valer sua força e suas idéias no sistema internacional, se opondo veementemente a qualquer iniciativa que ameace seu poderio militar. Ainda que faça o mesmo no Afeganistão e Iraque, tanto George W. Bush como sua secretária de Estado, Condoleeza Rice (esta última uma profunda conhecedora de Rússia e União Soviética), fizeram discursos duros contra a Rússia e não deixaram de ter um papel ativo no conflito em duas frentes: com ajuda humanitária e com a liberação dos soldados georgianos no Iraque para voltarem a seu país para defenderem sua nação contra a Rússia.

Não podemos esquecer os interesses nacionais que estão em jogo na região. Do lado russo, a Ossétia do Sul é estratégica para o abastecimento de gás da região, fato demonstrado pela inversão de mais de US\$ 600 milhões por parte da empresa Gazprom (estatal russa na área de

gás) na região. Para um país com inverno rigoroso, tal como é a Rússia, o gás natural que é amplamente usado na calefação é de suma importância. Por outro lado, os EUA também vê a região como fundamental em seus interesses de segurança nacional. A Geórgia serve aos EUA duplamente: primeiro, como um aliado em duas frentes, seja na guerra ao terror (não esqueçamos que até antes do conflito na Ossétia a Geórgia era o terceiro país com mais soldados no Iraque) ou em um possível conflito contra o Irã; segundo, para fazer frente ao poder russo no Cáucaso.

Uma análise da situação nos permite perceber que o acordo de paz assinado no sábado, 16 de agosto, por Dmitri Medvedev não fechará as feridas que se abriram no campo diplomático e que poderão perdurar por muito tempo. Destas feridas, uma piora nas relações EUA-Rússia é o que mais preocupa. Ainda que os esforços de Sarkozy e de outros países da União Européia continuem, agências internacionais e o governo georgiano alegam que a Rússia não está cumprindo o acordo, e infelizmente a tendência é que não cumprirá incondicionalmente.

Ainda que o contexto seja de caos, surge um otimismo diante deste jogo de interesses ao vermos que a comunidade internacional, em especial por iniciativa dos países da União Européia, prontamente se propôs a negociar o conflito russo-georgiano nas horas seguintes do conflito. A esperança é que, mesmo que através de interesses particulares, a comunidade internacional reforce suas iniciativas iniciais em evitar que mais vidas sejam dizimadas, percebam a urgência do momento e encontrem um ponto comum que evite problemas futuros. O desafio não é simples, o problema não é pequeno, mas o bom senso diante de duas potências militares deve ser ainda mais poderoso.

**Fonte: Valor, São Paulo, 25 ago. 2008. Primeiro Caderno, p. A13.**

A utilização deste artigo é exclusivo para o país.